

Eisenstein, *O couraçado de Potëmkin*
(1925)

Luis Buñuel, *Un chien andalou*
(1929)

David Cronenberg *in* David Breskin, *Filmmakers in Conversation (...)*, Nova York, 1997: 221

“Dialogue was always important to me. It was extremely important. Have I gotten better at writing and directing it? Yeah, I hope so. The words are important. And this comes from my writing. I have an ear for it. You either have it or you don’t, it’s like music: you’re tone-deaf or you’re not tone-deaf.”

David Cronenberg Cit. in Luís Miguel Oliveira, Maria João Madeira, ed., *David Cronenberg, a expressão nua*, Lisboa, Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 2006: 54

“É verdade que se se fez o trabalho como deve ser, o filme sugere todo o tipo de coisas. Mas, na parte que me toca, vi em *The Fly* uma metáfora do envelhecimento. A seu tempo, todos nos tornamos monstros, de um ou de outro feitio, e eu estava interessado em ver como Seth Brundle lidaria com a mudança. A princípio desespera, olha para o espelho e diz ‘estou a morrer’, mas por fim conforma-se com a condição.”

David Cronenberg in Chris Rodley, ed. Lit., *David Cronenberg por David Cronenberg*, Barcelona, Alba Editorial, 2000: 193-194

“Uma vez tive um sonho no qual estava a ver um filme, e o filme fazia com que eu envelhecesse rapidamente. O próprio filme estava a infectar-me, transmitindo-me uma doença, cuja essência se traduzia no meu envelhecimento. Então o ecrã convertia-se num espelho no qual me via a mim mesmo envelhecer. Acordei aterrorizado. Realmente é disto que estou a falar, mais do que qualquer vírus insignificante. (...) Todos temos a doença: a doença de ser finitos. E a consciência é o pecado original: a inevitabilidade da nossa morte.”

David Cronenberg, *The brood* (1979)

David Cronenberg Cit. in Luís Miguel Oliveira, Maria João Madeira, ed., *David Cronenberg, a expressão nua*, Lisboa, Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 2006: 53

“Não inventámos uma estética para o interior do corpo como desenvolvemos uma estética da doença. A maior parte das pessoas enoja-se, como quando observam a metamorfose de um insecto. Mas se lhe desenvolvermos uma estética, deixa de ser feio. Procuro instigar a audiência a mudar o seu sentido estético da mesma forma que as personagens nos meus filmes.”

Kurt Neumann, *The Fly* (1958)

David Cronenberg Cit. in Luís Miguel Oliveira, Maria João Madeira, ed., *David Cronenberg, a expressão nua*, Lisboa, Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 2006: 17

“(...) se tivesse continuado o curso, estaria em bioquímica. Nunca me interessei por ciências de *hardware*. Química era mais interessante porque tinha a ver com o corpo. Não só com o corpo humano mas com o corpo do planeta. Adorava botânica. Adorava a inter-relação de fluidos e plantas, a química das plantas. Essas coisas. Por isso, era a bioquímica num sentido mais amplo que me interessava, porque há bioquímica no cérebro; interessava-me alcançar a base física do pensamento e da imaginação humanas. Penso que era natural tentar reunir estas minhas facetas e integrá-las, por fim, na realização de filmes.”

Coralie Fargeat, *The Substance*
(2024)

Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*, por Bernardo Soares, Vol.1, Lisboa, Ática, 1982: 186, 187

“Quem sabe para que forças supremas, deuses ou demónios da Verdade em cuja sombra erramos, não serei senão a mosca lustrosa que poisa um momento deante d’elles? Reparo fácil? Observação já feita? Philosophia sem pensamento? Talvez, mas eu não pensei: senti. Foi carnalmente, directamente, com um horror profundo [...], que fiz a comparação risível. Fui mosca quando me comparei a mosca. Senti-me mosca quando suppus que me o senti. E senti-me uma alma à mosca, dormi-me mosca, senti-me fechado mosca. E o horror maior é que no mesmo tempo me senti eu. Sem querer, ergui os olhos para a direcção do tecto, não baixasse sobre mim uma régua suprema, a esmagar-me, como eu poderia esmagar aquella mosca. Felizmente, quando baixe os olhos, a mosca, sem ruído que eu ouvisse, desaparecera. O escriptório involuntário estava outra vez sem philosophia.”

David Cronenberg in David Breskin, *Filmmakers in Conversation* (...), Nova York, 1997: 245 (Sublinhado do autor)

“To me, the ‘talking head’ is the essence of cinema. If you look at a baby, the most fascinating thing to a baby, a newborn, is the human face. The baby will look at your face and watch your face move and want to touch it; it gives a whole other insight into what a face is. We get very used to them, but in fact, it’s a fantastic head, and what it’s talking about is fantastic, then you can’t have anything better. It’s the best! So I’m not afraid of it. I’m not afraid to sit on a close-up and let it happen. If you’ve got the right face saying the right things at the right moment, you’ve got everything cinema can offer.”

David Cronenberg, *Crimes of the Future*
(2022)

David Cronenberg, *The Shrouds* (2024)

David Cronenberg, *Naked Lunch* (1991)

David Cronenberg, *The Fly* (1986)

David Cronenberg, *Crimes of the Future* (1970)

David Cronenberg, *M. Butterfly* (1993)

David Cronenberg *in* Serge Grünberg, “David Cronenberg. Spider c’est moi”, *Cahiers du Cinéma*, nº 568, Maio de 2002: 20

« Para mim o cinema é uma arte e a vida um caos. É uma construção apaixonante, obra de grupos de animais humanos frenéticos, talvez loucos, que eles projectam para um mundo exterior que é, por definição, associal e incompreensível. »

Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*, por Bernardo Soares, Vol.1, Lisboa, Ática, 1982: 155

“Tenho por mais minhas, com maior parentesco e intimidade, certas figuras que estão escriptas em livros, certas imagens que conheci de estampas, do que muitas pessoas, a que chamam reaes, que são d’essa inutilidade metaphysica chamada carne e osso. E “carne e osso”, de facto, as descreve bem: parecem coisas cortadas postas no exterior marmóreo de um talho, mortes sangrando como vidas, pernas e costeletas do Destino.”

Cronenberg on Cronenberg

Entrevista com David Cronenberg
sobre *The Fly*